

Algumas ideias a respeito da IPA 100 anos após a sua fundação

Stefano Bolognini,¹ Bologna

É uma honra poder participar deste debate e trazer uma contribuição, cujo resultado, espero, seja não convencional, uma vez que nasce da troca de ideias com colegas de vários continentes durante esses ricos anos de encontro e trabalho conjunto na IPA. Considero um privilégio fazer parte da nossa associação internacional, e na segunda parte desta comunicação explicarei por que penso assim; mas primeiramente desejo revisar alguns dos aspectos da situação atual da psicanálise para descrever de modo geral a condição em que operamos como profissionais singulares, pesquisadores científicos e membros de uma comunidade de colegas.

Não tenho dúvidas de que o momento histórico em que estamos é crucial: a psicanálise está vivendo desenvolvimentos contraditórios, em parte muito positivos e em parte muito inquietantes.

Do meu ponto de vista, os aspectos positivos são dados por:

- a efetiva internacionalização da comunidade psicanalítica, sempre mais rica de contatos e de trocas científicas férteis entre analistas de diversas nações e escolas;
- a extensão de nossas perspectivas clínicas a novos tipos de patologia, agora abordáveis por instrumentos psicanalíticos mais articulados, graças à expansão do campo teórico cujas consequências são extremamente úteis para a clínica;
- a ampla mudança do clima das discussões no ambiente científico, no interior de nossa comunidade científica: um clima que hoje é muito mais aberto, compreensivo e tolerante do que já foi no passado no tocante à diversificação.
- a aceitação da pluralidade dos modelos de formação, substanciados em decisões tomadas pelo *Board* da IPA, reconhecendo a existência de diversas escolas e linhas de desenvolvimento formativo – porém, no âmbito de *Standards* compatíveis – no interior das várias áreas continentais e nacionais;
- a diminuição de tendências a idealizar e monopolizar este ou aquele autor, com mais consciência da riqueza proporcionada pela cultura da “família ampliada” e com menos pretensão a aderir de modo militar ou para-religioso a um modelo preferentemente a outro;
- e pela progressiva difusão da psicanálise em áreas geográfico-culturais nas quais até há poucos anos teria parecido ficção científica falar de nossa disciplina...

Creio que uma parte notável desses progressos deve ser atribuída à política de verdadeira internacionalização, dinâmica e respeitadora das diversas identidades, conduzida nestes anos pelo Executivo da IPA dirigido por Claudio Eizirik, que prosseguiu a política reformista iniciada por Daniel Widlocher e incrementou-a com novas iniciativas, com aberturas intercontinentais verdadeiramente inovadoras.

¹ Analista didata da Sociedade Psicanalítica Italiana SPI, foi Diretor Científico Nacional da SPI, co-fundador do Comitê Patologias Graves da SPI (1992), ex-presidente do Centro Analítico de Bologna. Na IPA foi Board Representative for Europe 2003-2007, co-chair for Europe CAPSA Committee; chair IPA 100 Anniversary Committee.

Fazemos votos para que os próximos Presidentes também caminhem nesta direção. Os aspectos inquietantes, ou até mesmo negativos, são por sua vez constituídos por:

- a diminuta influência da psicanálise sobre a cena cultural de muitos países desenvolvidos, devido a vários fatores (modas, competições por parte de outros grupos terapêuticos), mas, sobretudo, a fenômenos temporais de rejeição generalizada à dependência profunda e prolongada inerentes a uma verdadeira relação de cura;
- o forte investimento, por parte das estruturas sanitárias e universitárias, em terapias biológico-farmacológicas e em terapias breves superficiais (cognitivistas, *behaviouristas* etc.) que iludem os administradores quanto à possibilidade de economizar orçamentos, e os pacientes quanto à possibilidade de conseguir mudanças rápidas, com pouco gasto e quase nenhuma interdependência de um objeto emocionalmente importante, como é um analista (para quem a crescente dificuldade de motivar os pacientes para um tratamento analítico autêntico e genuíno, chamando-se atualmente de “análise” a qualquer tipo de tratamento psicoterápico e de “analista” a qualquer tipo de terapeuta que tenha um divã).
- do perigo, sempre presente, que no interior da IPA se verifique um refluxo tradicionalista-normativo, uma espécie de efeito reativo às mudanças e às aberturas desses últimos anos, restaurando modalidades e critérios rígidos de valorização e gestão dos eventos e dos procedimentos comunitários e, na realidade, sabotando o reconhecimento da pluralidade e das diferenças, e a produção de desenvolvimentos e transformações na psicanálise.

A IPA demonstrou, nesses últimos anos, a tendência intrínseca de evoluir como um organismo científico, profissional formativo inteligente, não rígido, capaz de reconhecer mudanças internas e externas em curso e de acolher seus aspectos positivos.

Essa capacidade evolutiva não deve ser perdida de forma alguma.

A IPA é a sede institucional na qual a identidade analítica, em mudança contínua e inevitável, poderá ser transformada, também no futuro, de acordo com os tempos, as mudanças culturais e os desenvolvimentos científicos; e confirmada mesmo, graças à sua dimensão organizativa mundial, que a caracteriza em relação a todas as outras associações concorrentes.

A diferente atmosfera de trabalho nos *panels* dos últimos congressos da IPA demonstrou que, em nosso interior, as coisas estão mudando para melhor: há um tempo, cada *speaker* “cantava a sua canção” de modo isolado e ignorava ostensivamente aquilo que era dito por outros *speakers*; agora não é mais assim; e, na maior parte dos casos, cada *panel* abriga um verdadeiro debate interativo entre os participantes (amiúde três, e de diversas áreas geográficas), algo que no passado raramente era visto.

Além disso, nesses anos, a IPA reconheceu cada vez mais também a sua relação com a IPSO, ou seja, com a fonte direta do futuro da psicanálise: sem bajulações sedutoras e sem arrogância superegoica, trabalhando em conjunto para tornar melhor e mais harmonioso o processo de formação de novos analistas e, sobretudo, para estimular desde o início a sua capacidade de coparticipar e colaborar em um ambiente científico comunitário.

Em suma, é a IPA que reduziu progressivamente o provincianismo dos narcisismos locais, colocando em contato os analistas de todo mundo com seus colegas e induzindo-os a um intercâmbio que – superada a ferida narcísica inicial de não serem, cada um deles, o “centro do mundo” – enriquece-os abrindo-lhes novas perspectivas.

A mesma ferida narcísica resguardou o problema dos diversos modelos de Educação: e nisso, também, a IPA teve o mesmo mérito que às vezes reconhecemos em nossos pacientes, quando eles demonstram capacidade de reconhecer e superar cisões e denegações da realidade. A IPA saneou uma situação esquizoide crônica que existia em seu estatuto, superando a denegação de uma realidade complexa que operava há muito tempo, a existência real dos diversos modelos de formação.

Eu estava no *Board* quando esse difícil processo se desenrolou e tenho orgulho de ter participado ativamente desse evento integrativo e restaurador.

Creio que quem dirige a IPA deva ter como característica principal, saber não possuir a verdade, e desejar ser mais o intérprete de uma rede muito ampliada de perspectivas do que de um “lobby” mais ou menos selecionado: a IPA é composta de 12.000 analistas ligados a diversas escolas teórico-clínicas, com modelos formativos diferentes, com culturas nacionais muito específicas e com realidades político-profissionais igualmente diversificadas.

Toda e qualquer pretensão de um grupo prevalecer monopolizadamente sobre outro leva a desequilíbrios, desarmonia e profunda insatisfação.

Permitam-me insistir neste aspecto, que definirei como o aspecto implícito na “regulação da homeostase narcísica”: desejo evidenciar como a afiliação ativa à nossa Associação contribui, por um lado, para alimentar de modo legítimo o senso de uma boa confirmação coletiva da qualidade de nossa formação e da nossa vida científica (garantindo, em certo sentido, um nível adequado de “narcisismo saudável e necessário”, precioso para o sentido de si mesmo do analista); por outro, pelo confronto constante com os colegas, com a sua competência e cultura, e por meio da confirmação da pluralidade comunitária, que desmente a nossa “unicidade”, nos vacinamos contra as ilusões de sermos onipotentes, de sermos “gurus”, de podermos dar crédito às projeções idealizadoras dos pacientes etc.: sermos membros ativos e participativos de uma associação funciona como um poderoso regulador do narcisismo patológico, e bem sabemos como um analista isolado torna-se mais exposto ao risco de extravios megalomaníacos, enquanto quem se confronta habitualmente com os colegas recupera mais facilmente o senso dos próprios limites e evolue de modo mais harmônico e realístico.

No que tange às relações com o mundo externo, creio mesmo que a IPA deva se esforçar para também ser conhecida fora de seu âmbito, e para garantir a presença e trabalho dos analistas em várias situações: terapêuticas, no debate cultural, na pesquisa científica.

Eu simplesmente penso: “SE O OBJETO NÃO SE APRESENTA, O SUJEITO (O PACIENTE EM POTENCIAL, OS INTERLOCUTORES MÉDICOS, SOCIAIS E CULTURAIS) NÃO PODEM RECONHECÊ-LO E ALCANÇÁ-LO”: este é, do meu ponto de vista, um dos problemas de base da psicanálise moderna, e que a IPA poderia ao menos parcialmente remediar por meio de uma maior presença e autoapresentação no mundo externo.

Creio que em muitos países a IPA tem se encarregado especificamente nessa direção, facilitando um tipo de contato útil e correto com os potenciais pacientes, com os seus terapeutas, com as fontes públicas de informações: é incrível quanta confusão ainda existe, também entre as pessoas de cultura médio-superior, quanto à diferenciação entre um verdadeiro psicanalista e os terapeutas de vários tipos e que se distanciam mais ou menos da psicanálise, naquela multicolorida e confusa “psicogaláxia” que, de fato, iguala as figuras mais diversas sob uma única e prestigiosa qualificação profissional, frequentemente imprópria.

Desejo concluir especificando, como disse antes, os motivos pelos quais creio ser um genuíno privilégio poder pertencer à IPA e poder usufruir das potencialidades desta organização científica, profissional e educativa. Como todos, conheço uma quantidade de psicoterapeutas que fizeram boas análises pessoais e que complementaram sua instrução básica com supervisões desenvolvidas junto a analistas qualificados e confiáveis.

Estes terapeutas, bem diferentes em termos de seriedade e qualidade dos analistas “selvagens” de uma época, carecem, no entanto, daquela suplementação científica continuada, diversificada e culturalmente complexa que deriva da frequência habitual a um ambiente plurigeracional e internacional como aquele fornecido pela nossa IPA.

História, tradição, estrutura formativa e qualificadora, educação permanente, informação e trocas congressuais, interatividade em seminários periódicos e amplidão das fontes de origem das contribuições fazem de nossa Associação, difundida em todo mundo e articulada em uma extraordinária rede de conexões científicas, uma realidade única que não tem comparação possível com outras organizações, em geral mais recentes, menos organizadas e menos ricas de contribuições e contatos estáveis.

É um privilégio ser formado neste contexto e poder crescer nele.

Às vezes, esquecemos disso, e em muitas ocasiões, nesses anos, isso me foi apontado por quem – por contraste – não pode usufruir das mesmas condições.

Mais uma vez, e a um século de distância, creio que podemos ser gratos a Sigmund Freud e sua ideia visionária: dentre as tantas coisas que ele nos deixou, existe essa também – e além de qualquer questão teórica ou técnica sofisticada – creio que não seja a menos importante.

Quando eu era um jovem candidato, foi uma grande emoção visitar *Bergasse 19*.

Assim como eu, meus companheiros de curso também experimentaram um sentimento de intensa comoção ao ver os aposentos onde nasceu a psicanálise e as primeiras edições dos textos freudianos; anos depois, a visita a *Broomhills* renovou estes sentimentos ao ver os objetos da vida cotidiana de Freud e ao sentir quanta história (e quantas estórias...) se condensavam naqueles ambientes carregados de significados.

Mas, uma emoção não menor eu também experimentei aqui, certamente, como muitos outros colegas – quando nos anos seguintes tive a sorte e o prazer de visitar as outras “casas da psicanálise”, as sedes das atuais sociedades psicanalíticas, algumas antigas e outras mais recentes, algumas grandes e prestigiosas (penso nos institutos de Buenos Aires e São Paulo, de Londres e Paris, de Boston e Roma), além de outros menores e em estado nascente, como em certos países do Leste europeu ou em outros países em vias de desenvolvimento.

Em todos estes “casos” pode-se perceber um dado comum, que é o grande amor pela psicanálise; e em todos há sinais explícitos de plena pertinência A UMA REDE INTERNACIONAL QUE OS UNE.

O PSICANALISTA IPA que viaja e é acolhido com amizade e interesse em todos esses casos, pode escutar e interrogar: um direito concreto, explicitado formalmente que contém, na realidade, um profundo significado simbólico, relacional e interpsíquico.

Tradução de Ester Hadassa Sandler

Stefano Bolognini

[Sociedade Psicanalítica Italiana SPI]

Via Dell'addadia 6

Bologna 40122 Italy

fef8279@iperbole.bologna.it